

alexandre.palaoro@gmail.com

Estruturas morfológicas podem apresentar modificações para aumentar seu desempenho. Quando utilizadas em confrontos, as estruturas deveriam ser fortes e eficientes, e para sinalização, leves e grandes. Nosso objetivo foi testar quais adaptações aumentam o desempenho de estruturas morfológicas. Utilizamos quelípodos de crustáceos como estrutura modelo por serem estruturas multifuncionais. Para isso, selecionamos machos de três espécies: *Aegla longirostri* (agressiva sem *displays* visuais, n = 43); *Aegla abtao*, (agressiva com *displays* visuais, n = 20); e *Aegla denticulata*, (pouco agressiva sem *displays*, n = 28). Utilizando morfometria linear e geométrica, testamos a diferença entre as espécies quanto: (i) padrões gerais da forma; (ii) tamanho do centroide da estrutura; (iii) tamanho da cutícula muscular (apódema); (iv) vantagem mecânica. Quanto à forma, *A. abtao* e *A. longirostri* possuem quelípodos com maior espaço para o músculo e com dedo fixo menor para maior vantagem mecânica, enquanto *A. denticulata* possui a forma oposta. A forma se modifica muito conforme o tamanho do quelípodo aumenta em *A. abtao*, e pouco nas outras espécies. O quelípodo é menor em *A. denticulata* do que nas outras duas espécies, as quais não diferiram entre si. Conforme o aumento do quelípodo, o apódema aumenta em *A. abtao* e *A. longirostri*, o que não ocorre para *A. denticulata*, e a vantagem mecânica aumenta em *A. longirostri* e não se modifica nas outras espécies. Com isso, demonstramos que os quelípodos são modificados para aumentar seu desempenho - espécies que investem agressivamente possuem estruturas mais fortes e eficientes do que outras espécies.

Palavras-chave: armamento, morfologia funcional, morfometria geométrica, vantagem mecânica

Apoio financeiro: CAPES, CNPq (308598/2011-3)

Desempenho de luta e sobrevivência entre espécies de abelhas sem ferrão e abelhas africanizadas em confinamento

CARLOS ANTONIO LIRA FELIPE NETO**¹, JARDEL BEZERRA DA SILVA¹, FRANKLIN AMARO DE SOUZA¹, RENATA VALÉRIA REGIS DE SOUSA GOMES¹, CAROLINA DE GOUVEIA MENDES¹, MÁRCIA DE FÁTIMA RIBEIRO²

¹Universidade Federal Rural do Semiárido, Mossoró-RN, Brasil.

²Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa Semiárido, Petrolina-PE, Brasil.

calfneto@hotmail.com

No semiárido brasileiro, saques entre abelhas simpátricas são frequentes durante a estação seca, devido à escassez de alimento. Informações sobre a dinâmica de encontros agressivos entre abelhas são importantes para entender as estratégias de ataque e defesa. Este estudo avaliou o desempenho de luta e a sobrevivência de três espécies de abelhas sem ferrão confinadas com abelhas africanizadas (*Apis mellifera*). Diferentes espécies de abelhas campeiras (cada espécie de uma colônia) foram acondicionadas em recipientes de plástico transparente (15 x 15 cm) contendo mel como fonte alimentar. Foram formados 4 grupos: A (*Apis mellifera* e *Scaptotrigona* sp.), B (*A. mellifera* e *Melipona subnitida*), C (*A. mellifera* e *Plebeia aff flavocincta*) e D

(*A. mellifera*, *Scaptotrigona* sp., *M. subnitida* e *P. aff flavocincta*). Como controle, as espécies foram confinadas separadamente. Cada grupo teve 2 repetições com 10 abelhas, sendo 5 de cada espécie. O confinamento durou 4 horas e no final foi contado o número de abelhas mortas. No grupo A, houve mortalidade em 70% de *A. mellifera* e 30% de *Scaptotrigona* sp. Já no grupo B foi observado mortalidade de 30% de ambas as espécies. As lutas mais intensas e longas foram observadas no grupo C, embora não tenha havido mortalidade. No grupo D, sobressaiu a espécie *Scaptotrigona* sp., com 90% de sobrevivência, seguida por *P. aff flavocincta*, com apenas 10%. Nenhum indivíduo morreu nos grupos utilizados como controle. Conclui-se que, dentre as espécies testadas, *Scaptotrigona* sp. apresenta o melhor desempenho de luta, devido possivelmente a presença de mandíbulas muito fortes, sua principal arma utilizada durante as lutas.

Palavras-chave: sobrevivência, mortalidade, luta em confinamento

Apoio Financeiro: UFERSA

A Etnobiologia como tradução e dissolução de fronteiras entre a Etologia Nativa e a Etologia Acadêmica

CAROLINA ALVES D'ALMEIDA**¹, FERNANDO ZAMUDIO²

¹Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil

²Instituto de Biología Subtropical e Centro de Investigaciones del Bosque Atlántico, Puerto Iguazú Misiones, Argentina.

caroldalmvegan@gmail.com

As etnociências possibilitaram o reconhecimento científico dos conhecimentos das populações tradicionais sobre a natureza e os animais. Tais conhecimentos contribuíram para o desenvolvimento da ciência multidimensional da Etologia. A história desta ciência revela que, longe de objetiva “purificada”, ela também foi constituída por conhecimentos “não-científicos” (saberes populares, diálogos interdisciplinares e experiências intersubjetivas). A combinação entre conhecimentos científicos e não-científicos permitiu a constituição da Etologia como rede heterogênea. Nota-se essa rede no estudo do comportamento de primatas, aves e cetáceos. Entretanto, existem críticas (antropológicas) à assimetria de alguns etnocietistas, que, embora reconheçam o valor científico dos saberes tradicionais, ainda tendem a valorizar mais etnoclassificações que se aproximam das organizações e classificações científicas modernas ocidentais. Nosso objetivo é explicitar como conhecimentos “não-científicos” sobre o comportamento animal, contribuíram para o desenvolvimento das práticas científicas da Etologia, como por exemplo, as vivências e conhecimentos dos maias sobre crocodilos, ou os conhecimentos de baleias adquiridos pela experiência de caçadores que, em alguns casos, abandonaram a caça e colaboraram com cetólogos na proteção dessas espécies. Não concebemos a Etnobiologia separada da Etologia, mas como parte dela: meio que permite a conexão simétrica entre Etologia Científica e Etologia Nativa, destacando-se o papel do etnobiólogo como tradutor/mediador do “etólogo nativo” para o “etólogo acadêmico”, e o inverso. Assim, as fronteiras entre a “Etologia não-científica”,